

O FRIO GEOMETRIZA AS COISAS: UMA ANÁLISE DE SATOLEP PELO VIÉS D'A ESTÉTICA DO FRIO DE VÍTOR RAMIL

KLUG, Marlise Buchweitz
UFRGS

SILVA, Márcia Ivana de Lima e, Orientador
Instituto de Letras – UFRGS
REQUIÃO, Renata Azevedo, Co-orientadora
Faculdade de Letras - UFPel

1 INTRODUÇÃO

O romance *Satolep*, do escritor pelotense Vitor Ramil, nos dá a ver uma cidade caracterizada pelo frio, cuja lembrança Selbor – personagem principal – procura deixar registrada através de um relato da sua viagem pela cidade e através de um conjunto de fotografias feitas por ele acompanhadas de textos descrevendo cada uma das imagens. Selbor deixa a cidade ainda jovem e, anos depois, algo inesperado, uma sensação de que nada mais era seu longe de Satolep, o traz de volta à cidade e o faz sentir aquela cidade fria como sua.

Segundo Ramil (2008) “a cidade faz o homem e o homem faz a cidade.” Pensando a partir desta frase, pode-se dizer que o tema relativo à cidade totalmente atual e as mudanças da cidade moderna estão diretamente relacionadas com a identidade do indivíduo da sociedade atual, de tal forma que o indivíduo está constantemente pensando o meio no qual vive.

Por outro lado, segundo Aragon (1996) “[...] a cidade é imagem do pensamento, imagem também do inconsciente e, como o pensamento ou o inconsciente, deve ser lida e interpretada. A cidade se torna escrita a ser decifrada e o texto – em particular o texto sobre a cidade! – se transforma, por sua vez, numa paisagem a ser percorrida” (pág. 249), de tal forma que a cidade é o registro do indivíduo que o habita na época que o faz. Assim, levando-se em consideração estas questões, pode-se dizer que uma análise da cidade é totalmente viável dentro do meio acadêmico já que vivemos nela (na cidade) e nos identificamos e somos também o meio no qual vivemos.

Desta forma, acompanhando a viagem de Selbor para fazer seus registros – registros estes totalmente influenciados pela identidade dele com a cidade –, analisa-se o conjunto cidade, frio e milonga através da reflexão do escritor em seu livro crítico-teórico *A Estética do Frio*.

O presente trabalho insere-se nos estudos de Literatura Comparada, visto que analisa a cidade de Satolep – cidade fictícia do romance –, fazendo um comparativo entre o texto ficcional e o texto descritivo da cidade real, entre a literatura e a história, entre a história da cidade do ontem e a do hoje, entre a descrição da cidade através do texto literário e através da imagem fotográfica, enfim, traçar-se-á um paralelo intertextual dos diferentes aspectos da cidade encontrados no romance.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia basear-se-á na análise do romance, buscando sempre as relações desejadas e a bibliografia necessária que possa embasar aquilo que procurarei expor.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o presente momento, muito do que se buscava refletir acerca da cidade e sua relação com o frio no romance *Satolep* já foi analisado, podendo-se ir fundo nesta discussão ao se perceber que não só o frio, mas também a milonga consegue traduzir esta identidade da personagem principal com o seu lugar, a sua cidade. Essa relação nos faz perceber o quanto o espaço social e suas características são componente fundamental da identidade pessoal de um indivíduo e que esta discussão não pode jamais deixar de acontecer: discussão do ser em relação ao lugar, e discussão do lugar interferindo na construção do caráter de um indivíduo.

4 CONCLUSÕES

Com as análises realizadas, percebe-se o quão Ramil consegue no seu romance refletir também sobre os temas que o preocupam n'A *Estética do Frio*. E, neste entrelugar de antes e depois de um inesperado encontro com aquilo que se buscava, tanto o personagem de *Satolep* quanto o escritor de *A estética do frio* seguem as pistas deixadas pelos seus sentimentos, por suas lembranças e pelas marcas impregnadas em seu ser do lugar natal de cada um deles, a fim de confirmar o que sentiram, de provar para si mesmos o quanto o lugar ao Sul, o lugar caracterizado pelo frio é real, é seu, e está tão ligado com sua identidade.

De certo modo, a narrativa do romance *Satolep* vai também de encontro à discussão que Ramil empreende n'A *Estética do Frio*, ao discutir, mesmo que um pouco superficialmente e sem muitos detalhes a diferença entre a gente do Sul e a gente do Norte. Na voz de João Simões, esta pequena reflexão sobre as diferenças de sentimentos entre um e outro, sem estabelecer um contato, uma confraternização, leva a conflitos de identidade como os sofridos por Selbor. E foram conflitos de identidade semelhantes que levaram Ramil à necessidade de uma busca pessoal:

[...] precisamos de uma estética do frio, pensei. Havia uma estética que parecia mesmo unificar os brasileiros, uma estética para a qual nós, do extremo sul, contribuíamos minimamente; havia uma idéia corrente de brasilidade que dizia muito pouco, nunca o fundamental de nós. Sentíamos os mais diferentes em um país feito de diferenças. Mas como éramos? De que forma nos expressávamos mais completa e verdadeiramente? O escritor argentino Jorge

Luis Borges [...] escreveu: *a arte deve ser como um espelho que nos revela a nossa própria face*. Apesar de nossas contrapartidas frias, ainda não fomos capazes de engendrar uma estética do frio que revelasse a nossa própria face (RAMIL, 2004, p. 14).

Ramil, ao longo de sua escrita, procura, a partir desta primeira necessidade – a de criar uma estética do frio –, seguir seu intento e definir esta estética o mais próximo possível do sentimento da gente do Sul extremo, podendo assim expressar seu jeito, sua característica, sua face.

Selbor, ao se instalar definitivamente na cidade, também procura seguir seu intento: rever as coisas geometrizadas pelo frio, aquelas todas que ele ainda traz na lembrança e torná-las ainda mais presentes, mais vivas em seu corpo. Ao fazer isso, nesta viagem por Satolep, Selbor acaba criando um registro, algo que, ao adquirir certo significado, ele denomina de “série documental sobre a cidade, fotos acompanhadas de textos. É possível que termine sendo uma espécie de diário de viagem, um relato indireto dessa minha volta a Satolep” (*Satolep*, p. 214).

Nestes registros – fotos e texto – Selbor nos dá a ver aquilo que ele próprio aprendeu a ver: a cidade conforme ele a sentia, como ele tantas vezes descreve, com marcas de umidade que demoravam a passar, geometrizada pelo frio, simbolizada pelo anoitecer de inverno com pouca luminosidade, névoa rasteira e paralelepípedos molhados.

Ramil em sua viagem pela definição de uma estética do frio e Selbor em sua viagem em busca das provas de sua identidade com Satolep – ambos buscando uma unidade, uma conexão entre ser e coisa, e para quem o tempo não conta – nos dão a ver o resultado de suas buscas ao se empenharem em estabelecê-las.

Assim como Selbor segue em busca de imagens, de provas, Ramil também define uma imagem para a sua busca e nos diz sobre sua estética do frio que

[...] a imagem me remetia ao sul extremo, o sul do Sul, lá onde pampa e gaúcho, como mitos ou como realidade, são comuns a Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Era, portanto, além de uma reação ao estereótipo e seu peso, a reafirmação do antigo vínculo com os países vizinhos e a definição de um marco-zero simbólico das nossas contrapartidas “frias” às características do que se convencionou chamar “brasilidade”. Minha busca de uma estética do frio, ao manifestar-se através de uma imagem visual, parecia reagir diretamente às imagens do carnaval tropical que eu vira na televisão (2004, p. 21).

Ramil consegue encontrar sua estética do frio, e defini-la através de uma imagem, tal qual Selbor também consegue fazer ver através de suas imagens e textos a sua Satolep marcada pelo frio, pela umidade, pelas chuvas, pelos alagamentos, etc. E para corroborar com sua tentativa bem sucedida, ele deixa registrado também o depoimento de Calvero – conhecido de Selbor que “estava de passagem por Satolep, vindo de Buenos Aires” (*Satolep*, p. 138) – que declarou: “não podia imaginar o verão aqui no ‘Brasil frio’” (*Satolep*, p. 139), garantindo um aval para o seu sentimento “frio”.

Além do sentimento, da imagem que ilustra este sentimento, Ramil vai além na reflexão, ao questionar: “Mas que música seria feita da mesma matéria que era feita aquela imagem?” (2004, p. 21). E ele define a milonga como a música que caracteriza sua estética do frio:

assim como o gaúcho e o pampa, a milonga é comum a Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, inexistindo no resto do Brasil. A discussão em torno de sua origem expressa bastante bem sua relevância no encontro dessas três culturas: há teses para sua origem rio-grandense, sua origem argentina e sua origem uruguaia [...] A milonga me soava uma poderosa sugestão de unidade, a expressão musical e poética do frio por excelência. [...] Existe a milonga para dançar, alegre, em tom maior, apropriada ao som forte do acordeom. Mas eu estava pensando na milonga pampeana ou campeira [...]; simples e monótona; lenta, repetitiva, emocional; afeita à melancolia, à densidade, à reflexão, à reflexão [...] Em sua inteireza e essencialidade, a milonga, assim como a imagem, opunha-se ao excesso, à redundância. Intensas e extensas, ambas tendiam ao monocromatismo, à horizontalidade. O frio lhes correspondia aguçando os sentidos, estimulando a concentração, o recolhimento, o intimismo; definindo-lhes os contornos de maneira a ressaltar suas propriedades: rigor, profundidade, clareza, concisão, pureza, leveza, melancolia (RAMIL, 2004, pp. 22-23).

Ramil define a milonga para expressar com maior detalhamento e sentimento o entorno do homem imerso pelo ambiente frio do pampa. Sem dúvida, também seria esta a música que intermediaria a viagem de Selbor por sua Satolep. Um dos amigos de Selbor, o Cubano, conclui de maneira brilhante o porquê desta música:

‘Melancólica e pura... [...] amiga dos silêncios e dos vazios; profunda, clara, concisa; apropriada tanto aos vãos épicos como aos líricos, tanto à tensão como à suavidade. Que outra, se não essa música de nuances, intensa e extensa, poderia conciliar em uma só expressão a vastidão monocromática e campo e céu e o detalhismo sofisticado da arquitetura de Satolep?’ (Satolep, p.84).

5 REFERÊNCIAS

RAMIL, Vitor. A Estética do Frio – Conferência de Genebra. Porto Alegre: Satolep, 2004.

RAMIL, Vitor. Satolep. São Paulo: CosacNaify, 2008.